

# **A ÉTICA DA SAUDADE E A PROPOSTA DE AFONSO BOTELHO**

**Anna Maria Moog RODRIGUES**

Instituto de Filosofia Luso-Brasileira  
Universidade Gama Filho

## **RESUMO**

A autora busca, nesse artigo, apresentar as grandes linhas da filosofia portuguesa e da filosofia da saudade, tais como se mostram na obra de Afonso Botelho.

O artigo põe em relevo as fontes do pensador português e os pontos de aproximação de sua filosofia com as de Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoaes e do neo-platonismo que os inspira.

## **RÉSUMÉ**

L'auteur cherche, dans cet article, de suivre les grandes lignes de la philosophie portugaise et de la philosophie de la nostalgie, dans la pensée de Afonso Botelho.

Cet article met en relief les sources du penseur portugais et les points de repères entre sa pensée et celle de Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoaes, et du neo-platonisme qui leur inspire.

Em 1992 recebi uma bolsa de estudos do Instituto Camões para aprofundar "in loco" minhas noções acerca da Filosofia Portuguesa. Durante dois meses, residindo em Lisboa, no apartamento do Estoril que me fora fidalgamente emprestado pelos amigos, Afonso Botelho e Maria Alba, pude conviver diariamente com as figuras mais representativas desta filosofia.

No decorrer daqueles inolvidáveis dois meses, foi meu privilégio ser orientada, em minhas incursões pela Filosofia da Saudade, pelo próprio Afonso Botelho, um dos mais insignes representantes do Saudosismo; pude aprender com ele o significado da Saudade, o que representa para o pensamento luso-brasileiro e o que tem a dizer ao homem universal.

Não será este o momento de evocar aquelas tardes de outono, quando eu ia à Ave. Infante D. Henrique 9, 2ª direita, para trocar idéias e impressões sobre as minhas leituras, realizadas sob orientação do mestre da Saudade?

Sem dúvida, convenço-me que seja este um momento e um lugar oportuno para a evocação.

Desde o primeiro dia, ao entrar no pequeno espaço do gabinete onde iríamos trabalhar, pareceu-me que ali se encontrava, concreta e simbolicamente, todo um mundo de significados que para mim sempre representara um gabinete de escritor. Brasileira, vivendo no Rio de Janeiro, havia morado fora do meu país muitos anos nos EE.UU e algum tempo no México. Pareceu-me entretanto, ao deparar-me com o gabinete do meu amigo, que paradoxalmente eu chegara em casa. Seria esta sensação devida ao fato de encontrar-me com as próprias fontes da nossa cultura? Ao fazer um exame de consciência, constatei o fato de que eu me sentia imensamente a vontade, ainda que há léguas de distância do meu país, porque aquele gabinete de trabalho evocava a recordação de um outro, onde eu tinha permissão de entrar muito ocasionalmente quando era bem pequena, o gabinete do meu pai. A casa em que morava na minha primeira infância ficava na Rua Esperança em Porto Alegre e, a meu ver, jamais houve

cidade mais portuguesa do que o Porto Alegre das minhas lembranças de então. Entretanto, não creio que a sensação de haver chegado em casa tivesse sido uma experiência peculiar minha; creio antes que seja esta a sensação de todo brasileiro quando chega a Portugal, ou melhor, de quem quer que venha da América quando chega ao país de origem de sua própria tradição. No meu caso, a sensação foi apenas acentuada porque curiosamente ambos os gabinetes tinham a mesma característica, de serem cômodos pequenos, com pequenas janelas, aconchegantes no frio do outono e inverno tanto de Porto Alegre quanto de Lisboa.

No gabinete do Afonso, lá estavam também os livros nas estantes. Estes eram muito cuidadosamente encadernados e arrumados; somente os bons livros, os que interessavam de fato, não a biblioteca dos "best sellers" nem a biblioteca especializada, mas a boa biblioteca, dos livros escolhidos, queridos, lidos e manuseados. Nada, em nenhum momento, aleardeando o imenso cabedal de leituras que já haviam sido assimiladas e deixadas para trás.

Não só os livros amigos, mas também as pessoas amigas, estavam ali presentes nas fotografias das estantes e paredes. Os amigos vivos e os que já não o eram, velavam ali nosso trabalho. Dois quadros, o retrato do pai e o do avô; um desenho da casa dos antepassados; os retratos dos filhos; uma janela dando para o quintal, um pequeno sofá, a mesa oval ao centro e as cadeiras. A manta para proteger do frio que aumentava a cada entardecer. E o chá.

A empregada, Lina, com tipo de princesa africana, trazia-nos pontualmente o chá às cinco horas, encerrando o dia. Empurrava o carrinho com a bandeja e o aparelho de chá, as chécaras finíssimas, os "sandwiches" e os bolos. Tudo muito britânico. E absolutamente português. Só mais tarde e de repente, como uma lufada de vento soprando forte sobre aquele manso anoitecer, chegava a Maria Alba, cheia de novidades. Pouco depois, eu me retirava para voltar em alguns dias com mais leituras feitas e mais anotações.

Nós, brasileiros, participamos da cultura ocidental e nela fomos introduzidos por intermédio de Portugal. Aquele gabinete sem-

pre há de simbolizar para mim o sumo da cultura e da nossa civilização. Da civilização e da civilidade.

Hoje percebo que o que havia de familiar para mim no gabinete do Afonso, desde o primeiro dia, para além do fato de que me lembrava aquele outro gabinete do passado, era o fato de que ali estava encarnada a Saudade, os valores da Saudade, que a todos nós, que partilhamos da mesma ambiência cultural hão de ser familiares. Nem há de ser por acaso que o Afonso Botelho se deteve a escrever sobre a civilidade, e o civismo como a forma ideal do conviver humano em sociedade. Civilidade, requinte, delicadeza de sentimentos, amizade, lealdade, tradição e cuidado, são termos que ele usou ao longo de sua obra para descrever os valores não só do civismo mas principalmente do convívio fraterno, e "saudoso" dos portugueses. São as palavras que descrevem as impressões que me ficaram daquele gabinete e daquelas tardes de outono. Pois sobretudo descrevem-no a ele, ao meu anfitrião.<sup>1</sup>

Por tudo isso, proponho-me nessa ocasião lembrar o espírito do que me foi passado da Filosofia Portuguesa e da Filosofia da Saudade, procurando alcançar a compreensão do pensamento de Afonso Botelho, aprendido nas leituras e conversas daquelas tardes memoráveis.

O pensamento filosófico de Afonso Botelho segue de perto o de Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoaes, os mestres da "Renasença Portuguesa", e o José Marinho e Álvaro Ribeiro seus seguidores. Entretanto, a grande inspiração da Saudade ele a encontrou sobretudo no estudo aprofundado da obra do Rei D. Duarte.

De Leonardo recebera o conceito de razão que engloba os sentimentos e as emoções. Recebera do mestre também a concepção do processo do conhecimento, dinamismo que avança para além dos conceitos, por intuição de "noções". Considerava que uma filosofia seria um sistema aberto quando sua ênfase fosse posta em noções, ao passo que toda a filosofia com acentuação em conceitos haveria de se degradar. O risco de degradação dos conceitos decorreria da

possibilidade de serem tomados como "coisas", aquilo a que Leonardo Coimbra mais tinha horror: o vício do "coisismo", a petrificação do pensamento, a raiz de todas as ideologias. Assim pois, o conhecimento, para Afonso Botelho, deveria desenvolver-se em função de princípios, conceitos e noções.

Ao afirmar o Ser como princípio originário de todo o pensar, A. B. ligava-se à tradição da Filosofia Portuguesa que já estava presente desde a elocubração de Joaquim Maria da Cunha Seixas o qual, no final do século passado, afirmara ser o pensamento afirmativo do Ser no próprio enunciado de todo e qualquer juízo. Para Cunha Seixas, a idéia do Ser envolveria todas as demais idéias e leis do pensamento e consistiria no próprio critério da verdade: "A idéia de ser não é só termo comum (num raciocínio): é sinal de verdade".<sup>2</sup>

A idéia do Ser, entretanto, não pode ser definida. Nela radica o mistério que Afonso Botelho considerava como estando na origem de todo o pensamento. Sem a aceitação do mistério, a filosofia há de permanecer infecunda para desvelar o verdadeiro sentido de tudo que o pensamento intenciona na sua busca da verdade.

Somente porque a razão é informada pela intuição, e pelo sentimento do amor, ela é capaz de desvelar novos horizontes, criando progressivamente a realidade do homem, enquanto a verdade vai sendo descoberta, criando por conseguinte, novos universos de compreensão. Esta epistemologia é não somente a da Filosofia Portuguesa mas da Filosofia da Saudade.

Afonso Botelho, ao explicar a epistemologia da Saudade, no opúsculo **Perspectiva Teórica Sobre os Descobrimientos**, revelou sua afinidade com o pensamento de José Marinho principalmente na obra **Teoria do Ser e da Verdade**. Escreveu então, que a verdade não se cria mas que tudo a manifesta. Dentro desta perspectiva, toda a descoberta pode ser vista sob três aspectos, o ato de descobrir a si mesmo pela autognose, o ato de descobrir o outro pelo desenvolvimento da eticidade filosófica e pelo apuramento da espiritualidade, e o ato de descobrir o mundo pelo despertar de uma relação amorosa e unitiva com as coisas e o cosmos.

Sobre a viagem de descoberta, na qual os portugueses iam ao encontro do encoberto, A. B. dirá que se tratava de uma viagem em três sentidos, a viagem do encontro sensível, a viagem do conhecimento da secreta verdade do ser, e a viagem de conhecimento do encoberto ser da verdade.

O importante nessa "perspectiva" seria destacar que a verdadeira descoberta consistiria em descobrir o que estaria encoberto ao olhar do homem, ou melhor, a descoberta não consistiria somente no desvelamento dos entes reais, mas no desvelamento do seu sentido espiritual, da verdade que "há neles"; mais ainda, para A. B. tratar-se-ia de uma busca da interioridade que iria continuar na busca do próprio Ser da Verdade. Neste processo dinâmico e dialético, na integração do homem com o mundo, de cada subjetividade com o "outro", a verdade iria sendo desvelada, iria alternadamente sendo descoberta e encoberta, como num jogo de luz e sombra, a lembrança esfumada do passado, em parte encoberto, projetando-se por antecipação para a pressentida descoberta futura.

Em outras palavras, o significado último da realidade, haveria de transcender o conhecimento racional e só se ofereceria ao homem quando este alcançasse a sabedoria, isto é, quando ele percebesse o significado transcendente da própria realidade.

A busca da unidade, da unificação do mundo, que se manifesta no desejo da viagem, da descoberta, do que está encoberto, une o pensamento à ação, o espírito à matéria, a alma ao corpo, une o desejo que vai à lembrança do que fica, motivando a volta, o retorno, o reencontro no ponto de partida. A palavra Saudade, tal como Teixeira de Pascoaes a concebeu, é a palavra doadora de sentido para todas as viagens, seja no tempo, seja no espaço, seja no tempo e no espaço interiores. É especialmente significativa, como palavra doadora de sentido, para as viagens empreendidas por quem fala português.<sup>3</sup>

A busca do retorno, ao Uno, ao Absoluto, é o verdadeiro sentido da viagem de descoberta; é o sentido da Saudade.

De Leonardo Coímbra, Afonso Botelho também assimilou as noções de Amor e da Morte. Inspirado nestas noções elaborou a

sua **Teoria do Amor e da Morte**, publicada em 1995 onde, a meu ver, ele alcançou a culminância de seu pensamento filosófico sobre a Saudade.

**A Teoria** consiste na análise da relação amorosa entre o homem e a mulher, expressão humana imperfeita do amor divino perfeito. Essa relação amorosa tem sua origem no mistério do Ser, "alargando a relação entre Deus e o homem, ao infinito amor, livre em si mesmo e libertador de todos os seres que amam."<sup>4</sup>

O amor entre o homem e a mulher se traduz em encanto e encantamento, que, em última instância se referem, o primeiro termo ao movimento em direção ao ser amado, significando liberdade e o segundo à situação oposta, de paralisia face ao outro, ao aprisionamento e perda da liberdade. O amor verdadeiro encanta e liberta do encantamento, reportando-se à própria fontemisteriosa do amor. Pelo amor, a imortalidade é afirmada assim como o absurdo da morte. A morte só pode ser pensada no contexto do amor que a supera, pela afirmação da imortalidade que consiste no movimento de retorno à própria origem. A suprema forma do amor é a Saudade, relação que une e vivifica no tempo e para além do tempo. Não obstante, para A. B. e para os filósofos da Saudade, o amor entre o homem e a mulher há de ser desejo, como o é também a própria expressão da Saudade.

A Saudade, principalmente tematizada neste século por Teixeira de Pascoaes, significa o desejo e querer esperançoso de algo ou alguém que é o objeto do amor, e a lembrança desse algo ou alguém, que não estando mais materialmente presente, o está de forma espiritualizada.

Explicando a Saudade sob o prisma da história de Portugal para tornar - la mais acessível ao conhecimento, A. B. considera os dois séculos em que a nação se empenhou na gesta dos Descobrimientos. Na viagem de descoberta, a volta é que se apresentava aos navegadores como a recompensa da viagem, o seu verdadeiro sentido. Na **Teoria**, a propósito do tema da volta, A. B. lembra o canto nono dos Luzíadas, O Nono Encanto, título de um capítulo, quando

Vasco da Gama encontra a Ilha dos Amores, a qual, com tudo que representa de realização edênica do desejo, paradigmaticamente só foi encontrada na volta da viagem. Afonso Botelho escreveu:

"Nesta perspectiva gnósica se situa Luís de Camões, que a respeito do amor propõe, especialmente no canto IX, a convivência efectiva na Ilha dos Amores, da plenitude do desejo."

E continua:

"Tão maravilhosa concordância só é possível porque, ainda de um modo português, Camões, diferentemente da via platônica, não afasta a matéria das formas essenciais, antes as faz convergir na idéia do amor."

Poder-se-ia, portanto, comparar o amor da Saudade com o amor platônico. Mas, como A. B. frisou, o amor saudoso é mais do que pura espiritualização ou sublimação do amor carnal, assim como Platão interpreta o ideal do amor no **Banquete**, pois nele há a componente do desejo, a esperança do reencontro, não somente no nível espiritual quanto também no nível corporal. A diferença consiste na concepção da matéria, que para Platão é a prisão da alma, do espírito, enquanto que, para a Saudade é uma dimensão igualmente amável do ente querido: na Saudade sente-se amor pela pessoa e esta é perfeita integração do espírito e do corpo.

Esta valorização da dimensão corpórea, esta ênfase no valor da materialidade do universo, é característica da Filosofia Portuguesa enfatizada por Álvaro Ribeiro, contemporâneo de José Marinho. Álvaro Ribeiro, muito mais do que José Marinho, era aristotélico e com ele a Filosofia Portuguesa reencontrou o veio do aristotelismo latente ao longo da história em toda a sua meditação. Assim pois, na Saudade, também a compreensão do homem é aristotélica e não platônica: a alma é a própria forma humana, princípio que vivifica e espiritualiza o corpo, vivifica o homem, espiritualizando-o. Somente a crença na ressurreição dos corpos corresponderá então à esperança contida no verdadeiro sentimento da Saudade.



Afonso Botelho, assim como todos os portugueses, considerava que o amor saudoso estará sempre simbolizado na lenda de D. Pedro e D. Inez de Castro, a qual "depois de morta foi rainha".

Neste sentido, o amor saudoso é a negação da morte, ou melhor, de acordo com o filósofo, o amor saudoso afirma o sentido da morte como sendo a realização do projeto amoroso dos amantes na livre assunção de seu destino transcendente e imortal.

A ética da Saudade é consistente com a influência das correntes de pensamento presentes na cultura portuguesa e está paradigmaticamente representada nas obras daquele que é considerado o primeiro filósofo que escreveu em língua portuguesa, o rei D. Duarte.

D. Duarte escreveu **O Leal Conselheiro**. Escreveu também **A Arte de Bem Cavalgar Toda a Sela**.

Afonso Botelho foi o grande estudioso da obra de D. Duarte.

Tal como para Sto. Tomas de Aquino, D. Duarte considerava a formação da "Reta Razão" fundamental para a formação moral. Mas, ao invés de permanecer no plano do silogismo escolástico para formular seus conselhos acerca do comportamento desejável para os seus súditos, principalmente para sua mulher, a rainha, ele extrai de sua experiência pessoal a reflexão acerca do homem, fazendo uma descrição "fenomenológica" de suas emoções, principalmente da saudade, concluindo por uma proposta de lealdade ao homem na sua dupla dimensão de corporeidade e espiritualidade, isto é, ao homem integral.

Afonso Botelho destaca, como características fundamentais da Ética da Saudade, o Princípio da Lealdade que radica na liberdade, o otimismo cristão, o amor pela natureza e o compromisso de auto-aperfeiçoamento.

Em falando da liberdade, fulcro de toda a ética saudosa, A. B. chama a atenção para a expressão que D. Duarte usa para indicar a autêntica liberdade: **ser solto**.... "Este agir "soltamente" nasce da

liberdade, no ser livre, não no libertar-se,.... (nasce) na intimidade do coração, ou mais justamente na sua **grandeza**, a origem da atitude solta."<sup>5</sup>

Outro ponto destacado é o otimismo de D. Duarte com relação à natureza humana. E mais ainda, o otimismo de D. Duarte com relação à natureza e à capacidade do homem de redimí-la. Este amor pela natureza é visto dentro de uma perspectiva não animista mas sim cristã, representando "a aceitação do esplendor da Criação e o cuidado posto em salvaguardar o destino de cada ser."<sup>6</sup>

Na obra **A Arte de Bem Cavalgar Toda a Sela**, pode-se perceber a analogia entre o andar a cavalo e o andar na vida. Afonso Botelho escreveu sobre o tema o artigo "Andar Direito" onde comenta os conselhos de D. Duarte aos cavaleiros do seu reino. O cavaleiro é aconselhado a "andar direito", em harmonia com a montaria, não caindo nem para frente nem para trás, nem para os lados, para não perder a posição de prumo com relação ao cavalo. A montaria, para ser bem cavalgada, exige bons tratos e conhecimento de suas necessidades. O "andar direito" é a indicação da postura que o homem deve ter na vida, atento ao caminho, brioso, cauteloso e simultaneamente destemido. O homem e o cavalo devem estar sempre em perfeita harmonia, sendo que o homem, representando o espírito, deve dominar e guiar a força bruta do cavalo que representa a matéria.

O "andar direito" requer sintonia com o todo da Criação.<sup>7</sup>

Fácil se faz compreender como os conselhos de D. Duarte, uma vez assimilados haveriam de adequar-se posteriormente à prática da navegação, numa transposição que, conforme apontou Antonio Quadros, fez do cavaleiro medieval em Portugal o navegador dos Descobrimientos. Assim como para o cavaleiro fora necessário o conhecimento da montaria, para o navegador será indispensável o conhecimento da nau e do mar para haver harmonia. Na navegação, também será indispensável o conhecimento não só do mar, mas das correntes e dos ventos. O homem, mais uma vez, deverá, pelo espírito, pôr-se em harmonia com as forças da natureza, dispondo delas para o seu serviço, na medida em que entrar em sintonia com as mesmas.

Ao ensinar a lealdade ao homem integral, apontando para as diferenças existentes entre cada um e o denominador comum que unifica a todos, que os revela como semelhantes, e que os antigos chamavam "a mesma natureza humana", D. Duarte apresentava a perspectiva antropológica que o aproximava do ideal missionário franciscano. Este ideal foi o que levou os missionários a buscarem o "infiel" para levar até ele a Boa Nova do Evangelho, o "infiel" sendo reconhecido basicamente como filho de Deus e, portanto, irmão. Este ideal é que anunciava o "humanismo universalista dos portugueses", sobre o qual tanto escreveu o historiador Jaime Cortesão.

Para resumir, eu diria que no pensamento de Afonso Botelho, o homem visto pela Filosofia da Saudade vive o tempo graças à sua dimensão espiritual. É esta dimensão espiritual que lhe dá forma ao corpo material impregnando toda a sua atividade de um sentido simultaneamente espiritual e prático. O sentido da atividade humana é um sentido doado pelo próprio homem, o qual, pela saudade, espiritualiza a ação realizada no mundo material, outorgando-lhe um valor que transcende o valor imediato e prático da ação.

A história do homem tem, por conseguinte, um sentido que transcende a história contada como mera história de feitos que em última análise visam apenas a sobrevivência dos homens, ou refletem apenas o subjacente choque de interesses materiais.

Em última instância, impõe-se a todos os homens o esforço de elevação de todo o universo, sua reintegração como mônadas livres e autônomas, algumas das quais serão constituídas pela união de um homem e uma mulher, na comunhão com o Uno.

Mas para tanto, Afonso Botelho propõe-nos uma nova ética qual seja a de uma religião teórica, isto é, uma religião cuja moral consista na liberdade do amor. Não no amor livre dos libertinos do século XVIII ou da literatura novelesca contemporânea mas na liberdade dos amantes livres para livremente realizarem a plenitude da relação amorosa, relação que se realiza na união dos corpos e das almas. Para esta realização, ao contrário do que hoje está acontecen-

do num mundo de egoísmos individualistas, A. B. propõe os transcendentais do amor, o **impossível**, o **infinito** e o **irracional**, características da profunda natureza do amor e da biografia amorosa dos portugueses.

Pois de fato, a perspectiva do universal transcendente implica toda a compreensão da área do sentimento que é geralmente excluída da racionalidade pura assim como também implica o ser situado na realidade concreta. Estas duas características são comumente reconhecidas no pensamento português, o conhecimento pela via do "coração" e a tendência para dar suporte concreto à verdade universal. Daí que Afonso Botelho sugere, como alternativa válida aos pensadores contemporâneos, inclinados ao que ele chama de "positivismo crítico" ou ao "materialismo confesso", os transcendentais do pensamento português que são os próprios transcendentais do amor. Ofereceu-os como sugestão, por não considerar a proposta absurda.

Ora, estes transcendentais não se encontram no plano da lógica, exatamente porque o amor tem sua própria lógica, como Pascal tão bem percebeu.

"Pelo contrário," escreve A. B., "se tentarmos racionalizar o mundo exclusivamente por esse princípios, verificaremos que sobra sempre alguma parte, que transcende os critérios usados, anunciando-se por vezes alterada e até de sentido oposto ao que procurávamos."<sup>8</sup>

Assim é que no amor, o impossível torna-se possível como acidente, sem perder sua característica substancial de impossibilidade. Isto não quer dizer que o amor no pensamento português seja ultraromântico pois que não é a idéia do amor que atrai mas sim o empenho de realização eterna do desejo amoroso. Deste sentido, tanto o amor de D. Pedro por Inês de Castro é exemplo da ultrapassagem do limite do tempo e da morte, quanto a própria gesta dos Descobrimentos é exemplo, pois que representa a ultrapassagem dos limites geográficos da Terra até então conhecida, dando realidade ao que Jean

Delemau, citado por Afonso Botelho, define como a "tendência profunda da alma humana que procura, e procurará sempre, desejar o impossível".

A compreensão do que vem a ser o transcendental do infinito também pode ser melhor caracterizada pela consideração dos Descobrimentos. Neste sentido, o filósofo da Saudade escreveu:

"O movimento de descobrir, tal qual o pensamos e pelo qual agimos nos dois séculos de viagens marítimas, implica uma exposição misteriosa de nós mesmos que, em momento terminal, se transmuda, da ação de descobrir, para o acto de encobrir. Isto significa que o verdadeiro sentido da ação não se esgota nem se potênciava no evento certo e determinado, porem, na sua natureza espiritual indefinida. Ora, quanto creio, o infinito que deu transcendência ao desejo de descobrir novos caminhos e de amar nova humanidade cósmica não pode conviver com os critérios de certeza, tanto do racional puro como da ciência exata, que preponderaram depois dos Descobrimentos."<sup>9</sup>

Quanto ao transcendental do irracional, significa exatamente este excesso que transborda da razão para o que se encontra além dela, admitindo o conúbio do racional com o irracional, sem o qual tornam-se incompreensíveis muitos aspectos da história dos homens e principalmente da cultura portuguesa, eventos que só serão compreensíveis ao conhecimento viabilizado pelo coração.

Ao concluir, procurarei fazer uma síntese da Ética da Saudade, tal como deparei as preocupações de ordem ética do meu amigo Afonso Botelho ao longo do convívio que mantivemos naquele já longínquo outono.

Tal ética seria uma reflexão sobre o modo de ser do homem no mundo. É também uma proposta ética do dever-ser do homem no mundo.

Seu pensamento partia de uma ontologia e de uma antropologia filosófica.

Ontologicamente o homem está em estado de equilíbrio precário, entre o passado resgatado e trazido ao presente pela lembrança e o desejo vivido no presente e projetado no futuro. O tempo é sempre o tempo presente, preenche o passado e do futuro. O projeto humano é um projeto que contém a idéia de ida e de volta, a aventura da descoberta de novos horizontes e o retorno ao ponto de partida, retorno que não será mais à visada de antes da partida mas à visada enriquecida pela viagem.

A melhor expressão da reflexão de Afonso Botelho sobre o sentido deste movimento de chegada e de partida, de ida e volta do homem no mundo encontra-se na análise que realizou dos Painéis de Nuno Gonçalves:

"Este sentimento, que consegue fazer comunicar por tal forma a tristeza com a alegria, a chegada com a partida, a ausência com a companhia, que as resume num só sentimento, as substitui indiferentemente ou as torna simultâneas, não é outro senão a saudade, a saudade dos Portugueses."<sup>10</sup>

Na visão da Filosofia da Saudade, o homem não é radicalmente distinto dos outros entes do universo, mas a ação do homem deve sintonizar-se com as leis da natureza buscando a harmonia com as forças materiais, dando-lhes o sentido, sentido cuja finalidade é o da transfiguração ou espiritualização. As obras do espírito são o ponto culminante de todo o fluxo e refluxo das forças do universo.

A Filosofia da Saudade vem de encontro à contemporânea preocupação com a terra, o **habitat** do homem. D. João de Castro em 1545 escreveu com sentimento semelhante ao que se vai despertando hoje:

"Oh, vergonha e grande cobiça dos homens, que por haver estas desventuras dos metais, cavam tanto a terra que lhe tiram fora as tripas, derribam grandes outeiros, abaixam

ásperas e altíssimas serras ao andar e nível dos campos, e, não contentes em estragarem tanto a terra, rompem e furam pelo mar..."<sup>11</sup>

A Filosofia da Saudade vem de encontro à necessidade de dar um sentido humano à tecnologia e sua ambigüidade valorativa com relação ao homem, vem de encontro à avaliação meramente pragmática do homem e suas ações. Vem de encontro à preocupação com o equilíbrio ecológico, com a preservação de todos e cada um dos entes da natureza.

A percepção do homem como um composto de corpo e alma, fruindo de tanto mais liberdade quanto mais se puser em harmonia com o meio circundante, com a própria natureza, corresponde ao ideal da harmonia cultivado pelos gregos e reclamado novamente neste final de século. A compreensão contemporânea reverte a proposta de manipulação e exploração da matéria pelo homem, como se este fosse um predador e o mundo material a sua presa.

A necessidade do homem contemporâneo de se por em harmonia interior e externamente com toda a ordem da Criação, se reflete no fascínio exercido sobre o homem hodierno por esportes e atividades não competitivos, como por exemplo, o "surf", o vôo livre, cujas finalidades consistem em sintonizar o homem com a natureza. **A Arte de Bem Cavalgar Toda Cela** é como que uma metáfora vinda do fundo dos tempos, oferecendo um modelo inspirador para a formulação de uma nova ética.

A Filosofia da Saudade oferece uma antiga e sempre nova hermenêutica da relação entre espírito e matéria. E sob este prisma poderão ser aprofundadas, para que se lhes capte o sentido "encoberto", todas as novas manifestações desta relação, seja na problemática suscitada pela moderna sociedade tecnologizada, seja no da vida em sociedade, seja na aventura que se descortina para o homem perante a possibilidade de navegar nos espaços siderais. Que verdade será "descoberta" no novo milênio? Salvará ainda o homem o sentido da busca do ser da verdade?

Para a Filosofia da Saudade, a solução não se encontra somente no âmbito da racionalidade pura. Está também no âmbito do amor. Não será, novamente, uma filosofia que possa ser ensinada coletivamente. Será uma forma de "iniciação" no contato mestre-aluno. Desta forma sua proposta pedagógica é a negação de todas as tentativas despersonalizadoras que pretendem substituir o professor pela máquina.

A Filosofia da Saudade, como tematização do amor do homem pela natureza, pelo seu povo, pela sua terra, pelo seu semelhante - onde quer que se encontre -, do homem pela mulher e do homem por Deus, é a mais original expressão do pensamento português, raiz da cultura brasileira. Possivelmente a Filosofia da Saudade terá algo a dizer como resposta aos anseios dos homens de todos os quadrantes da Terra.

Ao finalizar sua **Teoria do Amor e da Morte**, Afonso Botelho escreveu entretanto, uma mensagem expressamente para os brasileiros, mensagem que hoje, vista em retrospecto, creio que ele escreveu com a intenção de nos deixar como legado e que eu pessoalmente considero que tenha sido a sua palavra de Adeus e de esperança no encontro futuro:

"Cabe aos povos da orla oceânica, e muito especialmente ao fraterno povo brasileiro, ver, para além do fato histórico e finito, da mera ciência do possível, o que de permanente existe na transmutação, ler nestes transcendentais, melhor o infinito do que o finito, melhor o impossível do que o possível."<sup>12</sup>

## BIBLIOGRAFIA

BOTELHO, Afonso. **Andar Direito**, Separata da Revista Portuguesa de Filosofia, Tomo II, Fasc. III, Braga, 1951

\_\_\_\_\_ **Saudosismo como Movimento**, Separata da Revista Portuguesa de Filosofia, Fac. de Filosofia, Tomo XVI, Fasc. 2, Braga, 1960.



- \_\_\_\_\_ **Origem e Atualidade do Civismo**, Lisboa, Terra Livre, 1979.
- \_\_\_\_\_ e Teixeira, Antonio Braz, **Filosofia da Saudade**, Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1986.
- \_\_\_\_\_ **Ensaio de Estética Portuguesa, Ecce Homo/Painéis/Tomar**, Lisboa, Verbo, 1989.
- \_\_\_\_\_ **Perspectiva Teórica sobre os Descobrimentos**, Lisboa, Edições Leonardo, 1991.
- \_\_\_\_\_ **D. Duarte**, Introdução e seleção de textos, Lisboa, Ed. Verbo, 1991.
- \_\_\_\_\_ **Teoria do Amor e da Morte**, Lisboa, Fundação Lusíada, 1996.
- CUNHA SEIXAS, Joaquim Maria da Cunha, **Princípios Gerais de Philosophia**, Lisboa, Imprensa Lucas, 1897.
- KLINK, Amyr, **Paratii. Entre Dois Polos**, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- OSÓRIO, João de Castro. Seleção, Prefácio e Notas, **A revolução da Experiência**, Duarte Pacheco e D. João de Castro Lisboa, Edições, SM, 1947.

## NOTAS

- (1) Ver Botelho, Afonso, **Origem e Atualidade do Civismo**, Lisboa, Terra Livre, 1979.
- (2) Cunha Seixas, Joaquim Maria da Cunha, **Princípios Gerais de Philosophia**, Lisboa, Imprensa Lucas, 1897, p. 34.
- (3) Cabe lembrar talvez, o solitário navegador brasileiro, Amyr Klink, que em seu livro **Parati, Entre Dois Polos**, ao relatar o início de sua viagem de vinte e dois meses às regiões polares, escreveu: "Não estava partindo para uma viagem sem fim, vagando como um navio errante, um Mary Celeste abandonado e sem rumo, ao sabor dos ventos e oceanos. Tinha um lugar preciso para alcançar e um tempo certo para lá ficar, mas sabia que só quando retornasse, exatamente para o mesmo pedaço de areia que acabava de deixar, terminaria a viagem. Gozado, estava a menos de um dia de distância do meu objetivo e mais de um ano e meio de viagem dele. Que brutal saudade!"
- (4) Botelho, Afonso, **Teoria do Amor e da Morte**, Lisboa, Fundação Lusíada, 1996, p. 151.

- (5) Botelho, Afonso, D. Duarte, Introd. e Seleção de Textos, Pensamento Português, Lisboa, Verbo, p. 26.
- (6) " " Idem. Ibidem.
- (7) Botelho, Afonso, "**Andar Direito**", separata da Revista Portuguesa de Filosofia, Tomo VII, Fasc. I II, 1951.
- (8) Botelho, op. cit. p. 172.
- (9) " " 176.
- (10) Botelho, Afonso, **Ensaio de Estética Portuguesa**, EcceHomo/Painéis/Tomar, Lisboa, Verbo, 1989, p. 107
- (11) Osório, João de Castro. Seleção, Prefácio e Notas, **A revolução da Experiência**, Duarte Pacheco e D. João de Castro Lisboa, Edições, SNI, 1947, p. 131.
- (12) Botelho, Afonso, Teoria do Amor de da Morte, opus. cit. p. 176.